

Dr. Robert A. Peterson, Humanidade e Pecado, Sessão 10, Significado Contemporâneo do Pecado

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre as doutrinas da humanidade e do pecado. Esta é a sessão 10, Sin's Contemporary Significance. Mahony, A Theology of Sin for Today: A Biblical Description of Sin.

Continuamos nossas palestras sobre a doutrina do pecado. O ensaio de DA Carson nos apresenta esse tópico, Sin's Contemporary Significance, como ele o chama, e ele ainda não chegou a esse ponto, mas pecado e a lei.

Ele falou sobre o pecado ligado à obra de Deus e Satanás, e então o pecado, ele o chama, enredado em diferentes construções teológicas, pecado e a doutrina do homem, pecado e a doutrina da salvação, antropologia, soteriologia, pecado e santificação, quarto, pecado e a lei. João nos diz que pecado é ilegalidade, 1 João 3:4. Embora alguns tenham descartado esse pronunciamento como uma definição singularmente superficial de pecado, na verdade, é dolorosamente perspicaz quando nos lembramos de qual lei está em vista. Conceitualmente, isso não está muito distante do ditado de que tudo o que não é de fé é pecado.

Uma vez que você se lembra de quem é e quem deve ser o objeto da nossa fé, não está muito distante da insistência de Jesus de que o mandamento mais importante é amar a Deus com o coração, a alma, a mente e a força. Uma vez que percebemos que este é invariavelmente o único mandamento que é quebrado sempre que quebramos qualquer outro mandamento de Deus, isso nos mostra que a transgressão de uma lei é uma boa definição de pecado. O ódio do pecado está em seu desafio a Deus e sua lei.

No entanto, a relação entre pecado e lei é complexa. Ela corre ao longo de vários eixos. O primeiro que acabamos de articular é que pecado é quebrar a lei de Deus e, portanto, desafiar o próprio Deus.

Isso inclui deixar de fazer o que Deus ordena e fazer o que Deus proíbe. Nas palavras da confissão geral, entre aspas, não deixamos nada, deixamos de fazer aquelas coisas que deveríamos ter feito, e fizemos aquelas coisas que não deveríamos ter feito, e não há saúde em nós, entre aspas. Concebida ao longo de outro eixo, no entanto, a lei na verdade provoca o pecado, levando-o a atacar.

Em outras palavras, o pecado é tão rebelde de coração que ordens e proibições, longe de capacitar pecadores a superar seus pecados, têm o mesmo efeito que uma regra tem na mente e no coração de um adolescente imaturo. Ajustada novamente, a lei pode ser vista operando não apenas neste plano psicológico, mas ao longo do

eixo da história redentora. O pecado que leva à morte está abundantemente presente muito antes da entrega da lei no Sinai, Romanos 5 :13-14, de modo que quando a lei é pensada como uma revelação dada por meio de Moisés, a lei está relativamente tardia na cena.

Mas outra de suas muitas funções é estabelecer estruturas complexas de tabernáculo, templo, sacerdócio, sistema de sacrifício e festivais, como a Páscoa e o Dia da Expição, todos projetados para estabelecer trajetórias que nos levem a Jesus, que é o templo supremo, o sacerdote supremo, o sacrifício supremo, a Páscoa suprema, a oferta sangrenta suprema no dia final da expiação. Assim, a lei traz Jesus, que destrói o pecado. Ela nos leva ao evangelho, que sozinho é o poder de Deus e traz salvação.

A lei tem muitos papéis em relação ao pecado, mas não tem o poder de libertar o pecador de seu poder escravizador e de suas consequências. Será fácil demonstrar as ligações do pecado com cada construção teológica importante fundamentada nas Escrituras. Por mais importantes que sejam, nossa sondagem de algumas delas terá que ser suficiente.

Basta. A reflexão sobre o pecado é necessária para entender o sofrimento e o mal. Quinto, outra maneira de demonstrar a ubiquidade do pecado em todas as discussões teológicas sérias é delinear seu lugar na análise teológica que é um pouco mais sintética e de segunda ordem do que os tipos de construções teológicas que mencionamos até agora.

Forneceremos apenas um exemplo. Em três ou quatro ocasiões durante os últimos oito ou dez anos, Carson diz que deu uma palestra bastante longa sobre teodiceia, o problema do mal em relação a Deus. Eu nunca a chamei assim; ele diz que sempre foi intitulada algo como Como os cristãos devem pensar sobre o sofrimento e o mal.

O que tentei fazer foi afundar seis pilares principais no chão. Esses seis pilares, tomados em conjunto, forneceram uma fundação adequada para sustentar uma maneira distintamente cristã de refletir sobre o mal e o sofrimento. Os seis tinham que ser tomados em conjunto.

Um pilar por si só era totalmente inadequado, e mesmo quatro ou cinco eram perigosamente fracos e deixavam a estrutura mal apoiada. O interessante é que todos os pilares têm a ver com o pecado. O interessante é que todos os pilares no edifício de Carson nos ajudam a entender o que o sofrimento e o mal têm a ver com o pecado.

O primeiro pilar que rotulei é Lições do Início da Bíblia. Isso abrange a criação, na qual Deus faz tudo, incluindo o casamento, atribui aos seres humanos a responsabilidade de reinar sob Deus, os cerca com um cenário idílico e, acima de

tudo, sua própria presença, e pronuncia tudo como bom. A narrativa prossegue para a queda, para o início da idolatria, do pecado e seus efeitos de curto e longo prazo, incluindo morte e alienação de Deus, e as maldições pronunciadas sobre as várias partes e o que elas significam.

O fato brutal é que os seres humanos perderam o direito de esperar que seu Deus criador os ame e cuide deles, de modo que, se ele o fizer, é porque ele é infinitamente mais gentil do que eles merecem. A reflexão teológica sobre a maneira como esses temas são provocados nas escrituras nos lembra que todas as guerras, ódio, luxúria, cobiça e todas as transgressões, idolatrias, pecados e rebeliões humanas, até mesmo o que chamamos de desastres naturais, são, antes de tudo, um chamado implícito ao arrependimento. De acordo com Jesus, Lucas 13 :1 a 5, longe de ser algo que Deus criou, o pecado é rebelião contra o Deus criador.

Há muitas implicações para a teologia, começando pelo fato de que Deus não nos deve bênção, prosperidade e saúde. O que ele nos deve é justiça, o que em si garante nossa ruína. Meu ponto para o propósito deste ensaio, no entanto, é que este pilar, esta correção no cenário bíblico, está intimamente ligada ao pecado.

Não se pode pensar muito sobre as complexidades da teodiceia de uma forma bíblicamente fiel sem lutar com o que a Bíblia diz sobre o pecado. E esse é apenas o primeiro pilar. O segundo são as lições do final da Bíblia, onde devemos pensar sobre o inferno, novos céus, nova terra, ressurreição, existência, nova Jerusalém, um mundo onde nada impuro jamais entrará. Não se avança muito antes de reconhecer que a discussão está novamente circulando em torno do tópico do pecado.

O terceiro pilar é o mistério da providência. Aqui, luta-se não apenas com muitos textos que falam sobre a soberania de Deus, mas também com textos que falam sobre a soberania de Deus sobre um mundo altamente carregado de pecado.

Seria fácil trabalhar em todos os seis pilares e resumir sua contribuição para o suporte de uma teodiceia bem formada e bíblicamente fiel, mas o ponto em todos os casos é que esses pilares não fazem sentido se alguém tenta abstrai-los de reflexões profundas sobre o pecado. Em suma, o pecado é onipresente em todas as discussões teológicas sérias. Isso toma suas dicas das Escrituras.

Para resumir, se quisermos pensar realisticamente sobre a relevância de uma doutrina do pecado na cultura de hoje, precisamos começar com seu significado intrínseco, o lugar que o pecado ocupa dentro da matriz da reflexão teológica determinada bíblicamente. Uau ! A segunda parte deste ensaio é muito mais breve. O pecado é contemporâneo.

Primeiro, o significado intrínseco do pecado. Agora, o significado contemporâneo do pecado. Sob este título, vou me concentrar em algumas das maneiras pelas quais

uma doutrina bíblicamente fiel do pecado aborda algumas das características de nossa própria era e de nossa própria localização histórica.

Mencionarei três pontos. Número um, vivemos em uma época de extraordinária violência e maldade. Primeiro, apenas 13 anos se passaram desde que encerramos o século mais sangrento.

Apenas 23 anos se passaram desde que encerramos o século mais sangrento da história humana. Não há apenas um Holocausto. Adicione a isso o massacre nazista de judeus, a fome stalinista de 20 milhões de ucranianos, o massacre maoísta de talvez, talvez, nem podemos mensurar, 50 milhões de chineses, o massacre de entre um quarto e um terço da população do Camboja, o massacre tribal de tutsis e hutus, e várias limpezas étnicas.

Como calcularemos os danos, materiais e psicológicos, do terrorismo em todas as suas formas, do consumismo desenfreado, de todos os danos causados pelo abuso de drogas de vários tipos, incluindo o alcoolismo? A revolução digital que inaugura melhorias espetaculares na pesquisa, no manuseio de dados e na comunicação também nos traz acesso à pornografia instantânea, que com danos incalculáveis causados aos relacionamentos homem-mulher em geral e aos casamentos em particular. Devemos adicionar a crueldade do racismo, a exploração dos fracos, a ganância e a preguiça em todas as suas formas? E o que dizer daqueles pecados massivos e onipresentes que são principalmente a ausência de virtudes particulares? Impiedade, impiedade, falta de oração, corações sem amor, ingratidão. Estou começando a ver que essas palestras podem se tornar bastante deprimentes agora.

Caramba! Apesar das evidências massivas que nos cercam por todos os lados, muitos em nossa geração passaram a se considerar pessoas essencialmente boas. Perspectivas Pollyannish abundam. Se há coisas ruins no mundo, elas são principalmente o que outras pessoas fazem.

Outras religiões, outras raças, outros partidos políticos, outras gerações, outros setores econômicos e outras subculturas. Sem dúvida, cada geração pensa em si mesma como melhor do que realmente é, mas no mundo ocidental, esta geração multiplicou tal cegueira moral ao mais alto grau. Por exemplo, uma das razões pelas quais os pais fundadores dos Estados Unidos construíram uma constituição com a divisão de poderes e um sistema de freios e contrapesos foi que eles acreditavam que medidas tinham que ser tomadas para restringir o pecado generalizado, especialmente a luxúria pelo poder.

Em contraste, muitos em nossa sociedade nem sequer estão cientes dos perigos que espreitam em todos os lugares quando um bloco ou outro do governo ou da sociedade ganha muita influência. Em suma, o primeiro e mais óbvio significado contemporâneo de pregar uma doutrina robusta do pecado é que ela confronta a

ausência quase universal de tal ensinamento. Em outras palavras, o primeiro significado contemporâneo do ensinamento bíblico sobre o pecado não é que ele se encaixa bem com as visões de mundo contemporâneas e, portanto, fornece uma maneira agradável de interação pensativa, mas precisamente, ele confronta a ausência e a consciência dolorosamente perversas do pecado.

Ao longo da corrente da história redentora, esta foi uma das funções primárias da lei: trazer convicção do pecado. Embora muitos pregadores na tradição reformada tenham tratado Gálatas 3 como se ordenasse que a maneira de pregar o evangelho aos indivíduos é começar com a lei, assegurados de que a lei é nossa guardiã, Pedagogos Gálatas 3:24, para nos levar a ver nossa necessidade de Cristo e da graça. Um exame cuidadoso do contexto mostra que o foco do capítulo não está no papel da lei na conversão do indivíduo, mas no papel da lei no drama da história da salvação.

Se o entendimento de Paulo sobre a promessa dada a Abraão estiver correto, versículos 1 a 4, alguém pode muito bem perguntar por que a lei é dada. Versículo 19, por que não correr muito rápido da promessa para o cumprimento? Em vários lugares, Paulo dá várias respostas complementares a essa pergunta, mas parte da resposta é que a lei nas Escrituras, entre aspas, trancou tudo sob o controle do pecado para que o que foi prometido, sendo dado pela fé em Jesus Cristo, pudesse ser dado àqueles que creem em Gálatas 3:22. No entanto, o fato de que a aliança da lei deveria reinar por quase um milênio e meio mostra o quão importante era para Deus transmitir a persistência, a repetição, a hediondez, o poder escravizador e o ódio do pecado humano, e a total incapacidade dos seres humanos de se libertarem dele. De que outra forma os rebeldes humanos clamarão a Deus por graça, exceto pela fé no que foi prometido? Não muito diferente, uma geração que é singularmente inconsciente de seu pecado, enquanto está inundada de pecado, precisa desesperadamente de uma doutrina robusta do pecado para começar a entender a redenção.

Segundo, a relutância do pós-modernismo em identificar o mal. Segundo, hoje, há menos livros publicados definindo e defendendo o pós-modernismo do que havia há 15 anos. Na Europa, quase ninguém mais lê Michael Foucault, muito menos Jacques Derrida.

Alguns estudantes americanos de graduação ainda recebem doses tóxicas de pós-modernismo, mas os estudantes de pós-graduação têm se afastado cada vez mais da bebida. Como um fenômeno epistemológico e cultural sofisticado, o pós-modernismo em muitas partes do mundo ocidental passou da data de validade. No entanto, apesar disso, os detritos, os resultados da destruição e o lixo do pós-modernismo podem ser vistos em todos os lugares.

Entre as peças mais notáveis estão aquelas que são relutantes em identificar o mal, em grande parte na suposição de que o certo e o errado, o bem e o mal, nada mais são do que construções sociais. Tal ambiente pode não parecer o contexto cultural ideal para falar sobre pecado. O mal relacionado do relativismo moral não parece muito propício à reflexão viral sobre o que a Bíblia diz sobre o pecado.

Mais uma vez, no entanto, é a necessidade disso que torna a reflexão bíblica sobre o pecado tão desesperadamente relevante. O profundo ânimo cultural contra a categoria do pecado significa que muitos pregadores preferem falar sobre fraquezas, erros, tragédias, fracassos, inconsistências, mágoas, decepções, cegueira e qualquer coisa, menos pecado. O resultado é que o retrato bíblico de Deus é distorcido, assim como seu plano de redenção.

Transmitir o que a Bíblia diz sobre o pecado nesta cultura é, claro, extremamente difícil. Visto de outra forma, essa mesma dificuldade é uma medida da necessidade e, portanto, do significado contemporâneo de tratamentos robustos do pecado. Terceiro, a virtude suprema da nova tolerância.

Terceiro, uma série de questões surgiu que não podem ser facilmente abordadas sem uma doutrina bíblica bem formada sobre o pecado. Uma delas é o foco atual na tolerância, mas uma tolerância recém-definida e recém-posicionada. DA Carson escreveu um livro, *The Intolerance of Tolerance*, 2012.

Oh meu Deus. É o novo posicionamento que captura nossa atenção no momento. No passado, a tolerância em qualquer cultura era discutida em relação a algum sistema de valores amplamente aceito ou imposto, religioso ou não.

Uma vez que o sistema de valores estava em vigor na cultura, inevitavelmente surgiam questões sobre o quanto alguém poderia variar dele antes de enfrentar sanções legais, judiciais ou outras sanções coercitivas. Dentro de certos limites, muitas culturas concluíram que algum grau de dissenso pode realmente ser uma coisa boa. Apenas os regimes mais despóticos não permitem quase nenhuma tolerância para aqueles que discordam.

Mas isso significa que o sistema de valores em si é a coisa importante. As virtudes da tolerância são parasitárias do próprio sistema de valores. E qualquer sociedade, desculpe-me, não importa quão tolerante, traça limites em algum lugar.

Nota de rodapé, por exemplo, a cultura ocidental é extremamente aberta a atividades sexuais diversas, mas todos os países ocidentais traçam limites na prática da pedofilia. Graças a Deus. Em grande parte do mundo ocidental no momento, no entanto, há muito pouco consenso cultural sobre o certo e o errado, o bem e o mal, a santidade e o pecado, enquanto a tolerância foi elevada ao ponto mais alto no escalão moral.

Não é que tenhamos tomado esse passo conscientemente. Em vez disso, por razões que tentei delinear em outro lugar, a tolerância se tornou mais importante do que a verdade, a moralidade ou qualquer sistema de valores amplamente aceito. A tolerância se torna um bem supremo, o Deus supremo no panteão da cultura, em uma esfera de existência que frequentemente argumenta por meros clichês que têm muito poucos outros objetivos desejáveis amplamente aceitos. A ironia complicada é que aqueles que se apegam tenazmente à virtude suprema dessa nova tolerância são, em geral, extremamente intolerantes com aqueles que não concordam com eles.

Meu propósito ao me entregar a esta digressão é apontar que a derrubada desta nova tolerância intolerante depende enormemente de encontrar um sistema de valores que aprecie algo mais do que a nova tolerância. É difícil manter um debate maduro e sustentado sobre, digamos, a sabedoria ou não de prever o casamento homossexual na lei quando um lado, em vez de lutar com questões de substância, descarta o outro lado como intolerante e é aplaudido na cultura por fazê-lo. Sem controle, esta nova tolerância, mais cedo ou mais tarde, colocará muitas pessoas em correntes.

Para que seja desafiado, deve haver um sistema de valores culturais considerado mais precioso, um bem maior, do que a nova tolerância em si. E um dos ingredientes necessários para atingir esse fim é a reconstituição de uma visão robusta do pecado e, portanto, do bem e do mal na cultura. Para resumir, o significado contemporâneo do ensino bíblico sobre o pecado é melhor compreendido, primeiro, quando o lugar do pecado dentro da própria Bíblia é compreendido, e segundo, quando percebemos quão desesperadamente nossa cultura precisa ser moldada novamente pelo que a Bíblia diz sobre o pecado.

O ensaio de DA Carson. Espero que você o tenha achado tão instrutivo, esclarecedor e até mesmo alertador, fornecendo alertas como eu achei. No mesmo livro intitulado *Fallen*, que coeditei com Morgan, seu antigo mentor John W. Mahoney escreveu *A Theology of Sin for Today*.

Se tomarmos uma perspectiva pós-queda sobre o pecado, em outro contexto, argumentei que, com apreciação por Richard Gaffin do Seminário de Westminster na Filadélfia, de seus sábios escritos, que a distinção mais importante nas escrituras não é aquela resumida em Hebreus 1:1 e 2, que é Antigo Testamento, Novo Testamento, mas o mais importante é pré-queda, pós-queda, porque a queda e o pecado resultante e suas consequências mudam tudo. Dentro disso, é claro, os dois Testamentos são sua divisão muito significativa. Em relação à perspectiva pós-queda, o pecado possui muitas facetas e expressões diferentes.

A escritura também usa uma série de termos para o pecado e o descreve de muitas maneiras diferentes. O que se segue é um resumo do uso bíblico e serve como uma exposição da realidade pós-queda. Então, estamos realmente lidando agora com uma descrição bíblica do pecado.

O pecado é tanto uma falha em glorificar o Senhor quanto um ato de rebelião contra seus padrões estabelecidos. Essa dupla realidade reflete tanto a ausência da justiça de Deus quanto a presença da revolta humana. Todo pecado, pensamento, palavra ou ação possui esses componentes duais.

A análise lexical de termos bíblicos demonstra claramente essa dualidade. As Escrituras usam muitas palavras diferentes para pecado, uma indicação da riqueza e significância do conceito. A diversidade de significado entre os termos gregos e hebraicos, no entanto, pode ser reduzida a dois.

As primeiras são aquelas expressões que veem o pecado como uma falha, uma falha. Nesse sentido, o pecado é uma falha em manter a lei de Deus. Iniquidade, 1 João 3:4. Uma falta da justiça de Deus, Romanos 1:18. Uma ausência de reverência a Deus, Romanos 1:18, Judas 15.

Uma recusa em saber, Efésios 4:18. E, mais notavelmente, uma falta de glória de Deus, errando o alvo, Romanos 3:23. Assim, o pecado é a qualidade ausente em qualquer ação humana que faz com que ela falhe em glorificar o Senhor completamente. Por exemplo, qualquer um de nós pode afirmar que amamos a Deus completamente como ele requer? Seria tolice afirmar isso. Quando o elemento de amor completo por Deus, pelos outros e por nós mesmos, até mesmo por nós mesmos, está ausente de todas as nossas ações, motivos, desculpe-me, de todas as nossas atitudes, motivos, palavras ou ações, isso os torna horríveis diante do Senhor.

Agostinho chamou esse aspecto negativo do pecado de privação, uma ausência da boa qualidade inerente à criação. Ele também identificou essa privação como a essência de todo pecado. Cidade de Deus, Cidade de Deus de Agostinho, 9.13, capítulo 9, seção 13.

Outro conjunto de termos apresenta o aspecto positivo ou ativo do pecado. Palavras como transgressão ou desvio de um caminho prescrito, transgressão e ouvir que resulta em desobediência enfatizam a resistência dinâmica ou desobediência à luz dos comandos de Deus. O ato de Adão no jardim é caracterizado por cada um desses termos.

Romanos 5:14 , transgressão . Desobediência , Romanos 5: 15-18, transgressão, desobediência , 5:19, transgressão, 5:15-18. Em cada caso, uma lei quebrada é o foco. O pecado pós-queda é tanto uma falha em refletir o padrão perfeito de Deus quanto um ato de rebelião contra seus padrões.

Paulo também reforçou o duplo aspecto do pecado em Efésios 2:1, no qual ele descreveu a morte espiritual como expressa em transgressões e pecados. O pecado é tanto pessoal quanto social. O pecado, por definição, é um ato intencional.

Começou no Jardim do Éden com uma transgressão individual. As diferentes palavras bíblicas se aplicam principalmente ao pecado pessoal. Até mesmo o ensinamento de Paulo sobre a universalidade do pecado em Romanos 1:3 faz referência às ações ou palavras de indivíduos.

O pecado, no entanto, é mais do que simplesmente transgressão pessoal. A realidade pós-queda também apresenta erros sociais. Especificamente, o pecado social tem duas dimensões.

Primeiro, cada ato individual de pecado perturba toda a rede humana. Palavras e ações individuais colocam em movimento consequências sociais. Todas as escolhas humanas são inter-relacionadas.

Frederick Buechner comparou o contexto humano a uma teia de aranha na qual cada perturbação, citação, fazia a coisa toda tremer, citação próxima. O pecado de um homem, Acã, resultou na derrota de Israel em um pequeno lugar chamado Ai, Josué 7. No cenário contemporâneo, não é difícil traçar as repercussões da violência doméstica, crimes de ódio, pornografia e divórcio nas famílias e no contexto cultural mais amplo. O pecado social também se reflete nas estruturas sociais que propagam os males do preconceito, ódio e intolerância.

E quanto à grande editora que coloca pressão indevida sobre editores e jornalistas para serem os primeiros com a história, não importa quão antiéticos seus métodos possam ser? Muitas situações vêm à mente nas quais uma cultura de engano é criada para proteger a organização. E quanto às instituições que são dominadas por uma cultura de desconfiança, colocando os funcionários uns contra os outros em um círculo vicioso de fofocas e insinuações? Um componente importante do ministério profético em Israel era o confronto de pecados sociais, que violavam a aliança e provocavam o julgamento do Senhor. Do ciclo de apostasia ao julgamento, ao arrependimento e à restauração, o período dos juízes reflete a contínua deriva social em direção à idolatria.

Um esclarecimento, meu estudo sobre se beneficiar de estudiosos do Antigo Testamento me diz que talvez haja apenas um lugar em juízes onde há arrependimento real, ou melhor, há um clamor a Deus em desespero para que ele aliviasse a punição, que ele aliviasse a dor, não um verdadeiro arrependimento de coração para com Deus. Israel foi trazido sob o julgamento de Deus por meio das transgressões de Jeroboão. Citação, ele desistirá de Israel por conta dos pecados de Jeroboão, que ele cometeu e com os quais ele fez Israel pecar.

1 Reis 14:16. Vez após vez, você ouve esse tipo de coisa. Ele cometeu os pecados de seu pai, Jeroboão, repetidamente.

Nos profetas posteriores, Amós pregou contra a injustiça. Amós 5:12. “Porque eu sei que as vossas transgressões são muitas e os vossos pecados são grandes. Vós que afligis o justo, e aceitais subornos, e rejeitais os pobres na porta.”

Isaías expôs a apostasia da nação de Deus. Isaías 1:2 a 4. Assim como a corrupção no sistema legal. Isaías 10:1 a 4. Jeremias indiciou a nação pelo tratamento dado aos órfãos. Jeremias 5:28-29.

O livro de Jonas é uma exposição do lado negativo do nacionalismo judaico, um sectarismo que produziu desconfiança e ódio nacional.

Terceiro, o pecado é um ato intencional, assim como o estado atual da existência humana. A realidade pós-queda abrange a totalidade da nossa existência rebelde, o que fazemos, bem como quem somos.

O pecado é um ato pessoal. Ele surge da escolha individual e é, portanto, uma questão de responsabilidade. Ezequiel 18:4. O aluno que cola em uma prova viola o código de conduta da escola, mas também viola os padrões morais de Deus.

O marido que trai seus votos matrimoniais cometendo adultério está pecando intencionalmente. Em cada caso, uma escolha pessoal é feita. Pecado é um ato intencional.

Todo ato de pecado, no entanto, flui de uma condição pecaminosa ou estado de existência, que também é pecado. Dureza de coração e incredulidade são pecados. Hebreus 3:12.

Fala de um coração maligno e incrédulo que se afasta do Deus vivo. Fechar citação. Pecados pessoais não são simplesmente eventos isolados.

Todas as nossas ações e palavras refletem quem somos. Mateus 7:17. A árvore ruim dá frutos ruins.

Somos totalmente responsáveis por nossos atos de pecado, bem como pelo estado de pecado em que existimos, mesmo que não possamos mudar quem somos. “Pode o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas? Então vocês também podem fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal, mas vocês não podem.” Jeremias 13:23.

A Bíblia também usa os termos pecado e pecados de uma forma cuidadosamente matizada. Por exemplo, 1 João 18 a 20. Um é a condição do pecado, e o outro se refere aos atos separados do pecado.

Robert Culver esclareceu essa distinção. Uma leitura cuidadosa das Escrituras descobre uma distinção crucial entre pecado e pecados. Isso pode ser claramente percebido em conexão com duas passagens de som similar, mas sutilmente diferentes.

Ou seja, ele salvará seu povo dos seus pecados. Mateus 1:21. E cite, eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

João 1:29. Os pecados anteriores são obviamente uma referência às muitas ações malignas das pessoas. A última referência, o pecado do mundo, fala da culpa do mundo diante de Deus, da qual todas as pessoas compartilham.

Robert Culver, *Systematic Theology*. A explicação teológica para isso é chamada de pecado original. Essa doutrina inclui o ato histórico de traição cometido por Adão em Gênesis 3:1 e seguintes.

O fato de que todas as pessoas entram na existência humana alienadas de Deus. Salmo 51:5. Efésios 2:1. E são declaradas culpadas por causa do pecado de Adão e do estado contínuo de rebelião contra Deus em que vivemos e do qual todos os atos pecaminosos surgem. Somos, entre aspas, por natureza, filhos da ira.

Efésios 2:3. Citação, o pecado original não é um pecado que alguém comete. Ele reside na própria natureza e ser do homem, de modo que mesmo que nenhum pensamento maligno tenha passado pela mente de uma pessoa, nenhuma palavra ociosa tenha cruzado seus lábios e nenhuma ação maligna tenha saído de suas mãos, a natureza do homem ainda seria corrupta por causa desse pecado. Ele nasce em nós e é a fonte de todos os pecados atuais, sejam eles constituídos por pensamentos, palavras ou ações malignas.

Fechar citação. Walter Nagel, *Sin as the Cause of God's Wrath*. CTM, 1º de outubro de 1952.

Philip Hughes explica, citação, a doutrina do pecado original postula que o primeiro pecado do primeiro homem, Adão, que foi a ocasião da queda, é em certo sentido o pecado de toda a humanidade e que, conseqüentemente, a natureza humana é infectada pela corrupção desse pecado e a raça humana como um todo carrega sua culpa. O pecado reflete a próxima categoria, que é a corrupção profunda do coração humano. A Bíblia usa uma série de metáforas gráficas para descrever a condição humana no pecado, teologicamente chamada de depravação.

Doenças físicas como cegueira, ausência de visão, surdez, ausência de audição, mudez e ausência da capacidade de falar destacam um componente vital ausente em cada caso. Essas condições físicas não são pecaminosas em si mesmas, Jesus indica isso claramente em João 9, mas servem como representações da condição espiritual dos pecadores. Metáforas para o pecado abundam e servem como uma grande fonte para entender a depravação humana.

Gary Anderson documenta a mudança nas metáforas da ênfase do Antigo Testamento sobre o pecado como um fardo para a ênfase do Novo Testamento sobre a dívida. Mateus 6:12, na Oração do Senhor, e perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores. Entre essas descrições da condição humana, poucas são mais gráficas do que a análise bíblica do coração humano.

Jesus retrata o coração como uma fonte que derrama todas as formas de pecado, Mateus 15:19 a 20, Marcos 7:21 e 22. Eu deveria pelo menos ler um deles. Se você lava as mãos ou não, isso não o contamina espiritualmente, diz Jesus, mas o que sai da boca procede do coração, e isso contamina a pessoa.

Pois do coração procedem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as prostituições, os furtos, os falsos testemunhos e as calúnias. Estas coisas contaminam o homem, mas comer sem lavar as mãos não contamina ninguém. Em Jeremias 17:9, o coração é descrito como enganoso, desesperadamente doente e completamente opaco.

Citação, quem pode entender? O próximo versículo diz, Eu, o Senhor, sondei o coração. A grande maldade que precedeu o dilúvio veio da corrupção do coração, Gênesis 6:5 e 8:21. Provérbios 21:4 declara, “olhos altivos e coração orgulhoso. A lâmpada dos ímpios é o pecado.” As práticas malignas começam no coração, Ezequiel 11:21.

“Mas, quanto àqueles cujos corações vão após suas coisas detestáveis e abominações, farei cair a sua conduta sobre as suas cabeças, declara o Senhor Deus.” Em Oséias 10:2, as pessoas são consideradas culpadas porque seus corações são infiéis.

Jesus ensinou que aquele que injustamente deseja uma mulher em seu coração comete o ato de adultério com ela de coração, Mateus 5:28. Paulo afirmou que por causa de sua teimosia, estou citando, um coração impenitente, você está armazenando ira para si mesmo no dia da ira e da rebelião e no dia da ira e da revelação do justo julgamento de Deus, Romanos 2 :5. O escritor de Hebreus chamou o coração de incrédulo, Hebreus 3:12. Interpretado holisticamente, o coração não é um mecanismo separado em humanos, mas é a pessoa inteira vista do aspecto mais profundo de seu ser.

Assim, as atividades pecaminosas da vida de um indivíduo refletem, a vida de um indivíduo reflete a condição do coração do indivíduo diante de Deus. Em nossa próxima palestra, continuarei neste curso e lidarei com tópicos como esses. O pecado envolve simultaneamente comissão, omissão e imperfeição.

O pecado inclui nossa disposição e nossos atos de desobediência. O pecado inclui culpa, um conceito muito importante. O pecado é uma afronta pessoal ao Deus da Bíblia e seu caráter justo.

O pecado é um elemento desonesto na criação de Deus, e nem sempre estará presente. O pecado é uma falha em retratar o Criador para o mundo. O pecado convida a ira de Deus.

Vou acrescentar, a partir de minhas próprias anotações, que o pecado é enganoso. E, por fim, o pecado teve um começo definido na história humana e finalmente será derrotado. Obrigado por sua boa atenção e interesse nessas coisas.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre as doutrinas da humanidade e do pecado. Esta é a sessão 10, Sin's Contemporary Significance. Mahony, A Theology of Sin for Today: A Biblical Description of Sin.